

## A experiência delas no Hip-Hop: uma leitura sobre comunicação e resistência na Batalha do Som

Thífani Postali<sup>1</sup>

Giovanna Hellen Meira Silva<sup>2</sup>

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v15i28.65548>

**Resumo:** Tendo em vista que a cultura Hip-Hop é uma ferramenta de comunicação e resistência contra as diversas opressões sociais, este trabalho tem como objetivo identificar a presença e a participação das mulheres na Batalha do Som do Santa Bárbara – Batalha de rima localizada na cidade de Sorocaba – SP e os discursos que especificam as experiências das mulheres no movimento. Para tanto, faz uso da teoria da Folkcomunicação para compreender a cultura popular urbana como mecanismo de comunicação e da etnografia da cidade como metodologia para a coleta e interpretação dos dados levantados em pesquisa de campo. Como resultados, o trabalho apresenta que a participação das mulheres ainda é restrita na Batalha do Som. Apesar de se apresentar como um evento respeitoso no que se refere a participação das mulheres, os dados demonstram que, de modo geral, o formato das batalhas inibem a participação feminina por serem, em essência, ambientes hostis. Ainda, as informações coletadas revelam que há pouco envolvimento dos homens quando os assuntos envolvem conteúdos mais profundos, especialmente no que se refere às experiências das mulheres em sociedade. Por outro lado, ainda que pouca, a participação feminina fortalece a entrada de outras mulheres que se reconhecem também como sujeitas da resistência.

**Palavras-chave:** comunicação; resistência; mulheres; Batalha do Som.

### **Their experience in Hip-Hop: an analysis of communication and resistance in the Santa Bárbara's Sound Battle**

**Abstract:** Considering that Hip-Hop culture serves as a tool for communication and resistance against various social oppressions, this study aims to identify the presence and participation of women in the Santa Bárbara's Sound Battle – a rap battle located in Sorocaba, SP – and to analyze the discourses that articulate women's experiences within the movement. To this end, it employs the theory of

---

<sup>1</sup> Doutora em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Realiza Estágio de Pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (UNISO). Líder do grupo de pesquisas em Comunicação Urbana e Práticas Decoloniais (CNPq- UNISO) e Diretora Científica da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Folkcom). E-mail: thifanipostali@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0541-7203>.

<sup>2</sup> Graduanda em Tecnologia em Jogos Digitais pela Universidade de Sorocaba (UNISO). Participante do grupo de pesquisas em Comunicação Urbana e Práticas Decoloniais (CNPq- UNISO). E-mail: giovanna.hellenmeira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8406-8615>.

Recebido em 29/11/2024, aceito para publicação em 20/12/2024.

Folkcommunication to understand urban popular culture as a communication mechanism and utilizes ethnography of the city as a methodology for the collection and interpretation of data gathered through field research. The findings indicate that women's participation in the Sound Battle remains limited. Although it is presented as a respectful event regarding women's involvement, the data demonstrate that, in general, the format of the battles inhibits female participation, as they are, by nature, hostile environments. Furthermore, the collected information reveals minimal male engagement when the topics pertain to deeper issues, particularly in relation to women's experiences in society. Conversely, albeit limited, female participation strengthens the inclusion of other women who also recognize themselves as subjects of resistance.

**Keywords:** communication; resistance; women; Santa Bárbara's Sound Battle.

### **La experiencia de las chicas nel Hip-Hop: una lectura sobre comunicación y resistencia en la Batalla del Sonido de Santa Bárbara**

**Resumen:** Dado que la cultura Hip-Hop es una herramienta de comunicación y resistencia contra diversas opresiones sociales, este trabajo tiene como objetivo identificar la presencia y participación de las mujeres en la Batalla del Sonido de Santa Bárbara – una batalla de rimas ubicada en la ciudad de Sorocaba, SP – y los discursos que especifican las experiencias de las mujeres en el movimiento. Para ello, se utiliza la teoría de la Folkcomunicación para comprender la cultura popular urbana como un mecanismo de comunicación y se emplea la etnografía de la ciudad como metodología para la recolección e interpretación de los datos obtenidos en la investigación de campo. El trabajo presenta que la participación de las mujeres sigue siendo restringida en la Batalla del Sonido. A pesar de que se presenta como un evento respetuoso en cuanto a la participación de las mujeres, los datos demuestran que, en general, el formato de las batallas inhibe la participación femenina, ya que son, en esencia, ambientes hostiles. Además, la información recopilada revela que hay poco involucramiento de los hombres cuando los temas abordan contenidos más profundos, especialmente en lo que se refiere a las experiencias de las mujeres en la sociedad. Por otro lado, aunque limitada, la participación femenina fortalece la entrada de otras mujeres que también se reconocen como sujetas de la resistencia.

**Palabras clave:** comunicación; resistencia; mujeres; Batalla del Sonido de Santa Bárbara.

### **A experiência delas no Hip-Hop: uma leitura sobre comunicação e resistência na Batalha do Som**

#### **Introdução**

Afrika Bambaataa, fundador do Hip-Hop, sugeriu que durante a ascensão desse movimento em Nova York, Estados Unidos, nos anos 1970, os participantes deixassem os conflitos de gangues e a violência recorrente

produzida por esses episódios por intermédio do Hip-Hop e seus quatro elementos: DJ, MC, *break* e grafite (Teperman, 2015). Tendo em vista o uso do Hip-Hop para promover o que Bambaataa chamou de negatividade, ou seja, o uso das práticas artísticas

para promover o contrário da intenção do movimento, Bambaataa criou o quinto elemento que é o “conhecimento”. De acordo com Postali (2011), o conhecimento se refere ao uso dos elementos para a promoção da conscientização social e resistência aos problemas enfrentados pelas pessoas periféricas.

Assim, o Hip-Hop tornou-se um movimento cultural mundial que tem como característica a denúncia, através de seus elementos, de temas político-sociais como o caos presente nas periferias, a violência policial, o racismo e o machismo, e também apresenta assuntos como ostentação e dinheiro na busca por uma vida mais digna, com menos desigualdade (Lima, 2019).

Segundo Gomes (2019), com a chegada do Hip-Hop no Brasil, em meados da década de 1980, as batalhas de rima também ganharam popularidade com os movimentos culturais periféricos que formaram a capacidade singular de criar tecnologias sociais, como as próprias batalhas de rima, para preencherem os vazios deixados pela desigualdade social. As batalhas de rima tratam-se do enfrentamento entre jovens por meio de rimas criadas na hora, com tempo e

ritmo determinados. Vence a/o MC que melhor agrada os jurados ou o público. De acordo com Cura (2019) as rodas culturais, denominadas batalhas de rima, ocuparam espaços públicos em busca de sua revitalização, ressignificando esses lugares em prol das artes de rua contempladas no Hip-Hop.

Ao ocuparem espaços públicos urbanos, as Batalhas fazem com que o Hip-Hop se fortaleça como um movimento social onde os coletivos urbanos agem na vida das pessoas, geralmente jovens, sendo um instrumento sociocultural para o desenvolvimento de suas identidades e pensamentos políticos (Gomes, 2019).

Cabe ressaltar que os temas mudam conforme os grupos sociais. Mulheres periféricas, por exemplo, abordam com mais frequência suas experiências sociais, havendo nos conteúdos maior frequência de assuntos relacionados às inúmeras violências que essas mulheres sofrem nos espaços urbanos. Assim, tendo em vista que a cultura Hip-Hop é uma ferramenta de comunicação e resistência contra as diversas opressões sociais, este trabalho tem como objetivo identificar a presença e a

participação das mulheres na Batalha do Som do Santa Bárbara – batalha de rima realizada na cidade de Sorocaba – SP, e os discursos que especificam as experiências das mulheres no movimento. Para tanto, faz uso da teoria da Folkcomunicação (Beltrão, 1980) para compreender a cultura popular urbana como mecanismo de comunicação, e da etnografia na cidade (Magnani, 2002) como metodologia para a coleta e interpretação dos dados levantados em pesquisa de campo. A pesquisa envolveu a presença e participação de três edições da Batalha do Som, ocorridas nos dias 16, 17 e 18 de novembro de 2024. Além da observação do evento e anotações em diário de campo, houve coleta de dados em formato de fotografia e vídeo, e foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com quatro mulheres presentes nas edições, com termo de assentimento e uso de imagem assinado por cada participante da pesquisa. Também houve entrevista com um dos organizadores do evento. Por este artigo estar vinculado ao projeto de Pesquisa “As experiências delas na cidade: práticas culturais e comunicações das mulheres periféricas e do Hip-Hop de Sorocaba”, vinculado

ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), informa-se que a coleta de dados foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Sorocaba (UNISO), sob parecer 7.078.071, na Reunião do Colegiado CEP– UNISO, no dia 16 de setembro de 2024.

Como resultado, o trabalho apresenta que a participação das mulheres ainda é restrita na Batalha do Som. Apesar de se apresentar como um evento respeitoso no que se refere à participação das mulheres, os dados demonstram que, de modo geral, o formato das batalhas inibe a participação feminina por serem, por essência, ambientes hostis ao público feminino. Ainda, as informações coletadas revelam que há pouco envolvimento dos homens quando os assuntos citam conteúdos mais profundos, especialmente no que se refere às experiências das mulheres em sociedade. Por outro lado, ainda que pouca, a participação feminina incentiva a entrada e fortalece a permanência de outras mulheres que se reconhecem também como sujeitas da resistência.

## **Batalha de rima: a comunicação dos grupos urbanos marginalizados**

Conforme Cura (2019), as batalhas de rima são eventos organizados por jovens periféricos, em que pessoas se enfrentam por meio da rima criada no mesmo momento. Geralmente, as batalhas possuem dois mestres de cerimônias (MC's), cada um alternando entre *rounds* de 30 a 45 segundos, tempo em que apresentam seu improviso sobre uma batida de DJ, ou de um *beatbox*<sup>3</sup> realizado no momento. Por intermédio de um apresentador, o júri e/ou o público decide o vencedor da batalha após o término das apresentações, que podem perdurar mais que os usuais dois rounds, através do barulho produzido pela plateia, ou seja, o som mais alto irá determinar o ganhador.

Há dois tipos de batalha: a batalha de sangue, onde os MC's atacam diretamente seu adversário sendo permitido o chamado esculacho. Esse tipo alcança maior prestígio e visibilidade devido ao seu caráter apelativo. Entretanto, segundo Cura (2019), o MC deve conhecer o público

em que está se apresentando, uma vez que as batalhas de sangue podem conter rimas com teores racistas, xenofóbicos, machistas e LGBTQfóbicos.

Já a batalha de conhecimento surgiu no Brasil com a proposta de MC Marechal, de trocar o esculacho pela reflexão. Nelas, os MC's devem formar suas rimas a partir de um tema previamente escolhido – através de uma imagem, um filme, ou algum outro conteúdo que possibilite a troca de ideais e, através da batalha, promover um debate sobre o assunto proposto, exigindo que a pessoa demonstre seu conhecimento sobre o tema (Alves, 2013).

Segundo Teperman (2015), a batalha do conhecimento está atrelada ao quinto elemento do Hip-Hop, instituído por Afrika Bambaataa como o "conhecimento", que é o contraponto do rap, compreendido apenas como entretenimento e mercadoria. Com o conhecimento, Bambaataa defende a ideia de que um membro do movimento deve ter consciência de sua localização social para que possa, através dos

<sup>3</sup> *beatbox* é um tipo de batida musical orgânica; feita com a boca. Ela serve como base para a

fluência da música, ditando o ritmo do rap (Campos, 2020)

elementos culturais, conscientizar os jovens periféricos e difundir o lema do movimento que é “Paz, amor, união e diversão” (Postali, 2011). A partir desse momento, o Hip-Hop passa a ser compreendido como um movimento cultural cujo objetivo é, além do entretenimento, conscientizar as pessoas que se encontram às margens da sociedade, especialmente pessoas as negras, uma vez que o Hip-Hop é criado e em maioria praticado por pessoas negras que lutam contra o racismo estrutural (Oliveira, 2021). Deste modo, segundo Alves (2013), os pilares do Hip-Hop envolvem a difusão das experiências dos grupos reprimidos culturalmente, a transformação e inclusão dos jovens em coletivos não violentos, a formação e desenvolvimento humano e social, a promoção da autoestima de seus membros e sua valorização.

O Hip-Hop, portanto, aqui é tratado como uma potente ferramenta de comunicação dos grupos urbanos marginalizados (Postali, 2011). Para essa assertiva, apoiamo-nos na teoria da Folkcomunicação, que se debruçou em compreender como a comunicação se dá por meio de comunicadores e canais não dominantes. Sendo uma

teoria genuinamente brasileira e defendida por Luiz Beltrão, a Folkcomunicação se trata do estudo sobre “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (Beltrão, 1980, p. 24). Para este trabalho, interessam as produções e conteúdos relacionados aos grupos urbanos e culturalmente marginalizados que segundo Beltrão (1980), são os indivíduos excluídos pelas camadas mais altas da sociedade e que integram as classes carentes de assistência social, de acesso facilitado à informação e condições de acesso no geral. Já os culturalmente marginalizados, podem ser urbanos ou rurais, e o que os define é a atitude em questionar e abalar a estrutura social vigente.

Desta forma, o Hip-Hop é uma ferramenta de comunicação – e não só – que questiona e abala as estruturas sociais, por meio de mensagens que desvelam as desigualdades sociais e as violências experienciadas por pessoas marginalizadas, além de apresentar outras formas de viver,



pensar e agir. Assim, as pessoas que produzem e difundem as informações por meio do Hip-Hop, podem ser assimiladas as pessoas líderes-comunicadoras folk, ou comunicadoras de folk, que segundo Beltrão, são “[...] agentes formadores de opinião que, a partir das mensagens possibilitadas pelos meios de comunicação de massa, decodifica-as transformando em outros códigos capazes de serem compreendidos pelo público ao qual pretendem comunicar” (Beltrão, 1980, p. 58).

No Hip-Hop, o público ao qual as pessoas comunicadoras de folk dirigem sua comunicação são os grupos marginalizados que segundo Perlmann (1977), são “os pobres em geral, desempregados, migrantes, membros de outras subculturas, minorias raciais e étnicas e transviados de qualquer espécie”, ou seja, as pessoas que mais são impactadas pelo projeto colonial que segundo Kilomba (2019, p. 47), são atravessadas pelas estruturas de opressão que “[...] não permitem que as suas vozes sejam escutadas, tampouco proporciona um espaço para articulação das mesmas”. A autora ainda lembra que

A boca é um órgão muito especial. Ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/os brancas/os querem – e precisam – controlar e, consequentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado (Kilomba, 2019, p. 34).

Nesse cenário, as batalhas de rima são organizadas, principalmente, pelos grupos culturalmente marginalizados que buscam oferecer um espaço para ampliar as vozes das pessoas que vem sendo, historicamente, censuradas. Outro ponto que merece destaque é que por ser uma manifestação que prioriza o discurso de resistência frente a sociedade segregada, os eventos tornaram-se exclusivos em cada lugar e refletem as experiências também localizadas, sejam socialmente e/ou geograficamente (Postali, 2024).

Assim, para compreendermos as mulheres que participam da Batalha do Som, buscamos, antes, informações e dados que refletem as situações enfrentadas pelas mulheres periféricas brasileiras.

### **Mulheres na sociedade e no Hip-Hop**

De acordo com o mapa da Violência Contra as Mulheres (2024), pelo menos 48.289 mulheres foram mortas na última década (2012 – 2022) e de 2021 para 2022, não houve melhora no índice, permanecendo no patamar de 3,5 mortes para cada 100 mil mulheres brasileiras. Quando recortamos as pesquisas para a situação das mulheres negras brasileiras, o mapa da Violência Contra as Mulheres (2024) apresenta situações ainda mais alarmantes. Em 2022 foram registradas 3.806 vítimas de feminicídio no Brasil, sendo 2.526 desses casos de mulheres negras, ou seja, 66,4% (Cerqueira; Bueno, 2024).

Como lembra Ribeiro (2017), é como se as mulheres negras possuíssem o dobro de chance de serem assassinadas quando comparadas às mulheres brancas. A autora ressalta que essa discrepância mostra a falta de um olhar étnico racial daqueles que possuem os meios e a voz para realizarem políticas que impactem a vida das mulheres negras.

É necessário entendermos então que quando essas mulheres estão reivindicando e criando seus lugares em batalhas de rima, também estão lutando pelo direito à própria vida

(Ribeiro, 2017). Por essa arte servir para que pessoas marginalizadas possam contar sobre suas experiências e vivências, ela deve ser um lugar seguro para as mulheres e outros grupos silenciados. Tem-se que o Hip-Hop é um movimento cultural artístico que busca representar e acolher, independente de gênero, pessoas marginalizadas e oprimidas – sobretudo negras (Lima, 2019). Entretanto, ainda há barreiras de preconceitos que atravessam até mesmo essa arte.

Em setembro de 2024, ao pesquisar por “batalha de rima” no periódico da CAPES, em todas as áreas disponíveis no site, mais de 200 resultados foram encontrados, o que evidencia o interesse acadêmico por essa prática social. Entretanto, ao buscarmos por “batalhas de rima” e qualquer outra categoria que possa englobar a representatividade feminina como “mulher (es)”, “feminismo”, “feminista”, houve apenas um resultado. Os recortes sobre as mulheres aparecem mais em pesquisa via ferramenta Google Acadêmico e estão em revistas científicas indexadas. No geral, os trabalhos apresentam a pouca participação das mulheres ou



situações em que as mulheres criam seus próprios espaços para batalhar.

No livro Rio de Rimas, de Rossi Alves (2013), ao abordar sobre as batalhas de rima no Rio de Janeiro, é comparável a falta de visibilidade feminina tanto nos artigos acadêmicos pesquisados, quanto nas próprias batalhas de rima. Para a autora, muitas vezes ocorrem rimas machistas e as mulheres ficam restritas à plateia, com raríssimas participações no palco. Alves destaca que, em mais de um ano de pesquisa, viu mulheres rimando em dois ou três encontros, o que revela que a batalha de rima é um espaço a ser conquistado pelas mulheres.

Em “Elas na Batalha: Um Levantamento Sobre o Gênero Musical Rap e a Presença de Mulheres Neste Movimento”, os autores Medeiros e Silva (2018) entrevistaram em 2017 duas *rappers* mulheres, de 20 e 24 anos, residentes em Volta Redonda/RJ – Brasil, que relataram já terem participado de batalhas de rima. Ambas contam que, ao se depararem com as rodas de rima, encontraram apenas *rappers* homens batalhando. Há unanimidade em suas respostas sobre o fato de que o sexismo ocorre no movimento de minorias, mas como

reflexo de uma sociedade preconceituosa – patriarcal.

Já em 2020, Marques e Fonseca (2020) investigaram “Os Territórios das Mulheres Negras no rap por Meio das Batalhas de Rima” em Londrina/PR – Brasil, onde 11 mulheres negras, entre 19 e 25 anos, e de perfis variados, cederam suas entrevistas. Essas mulheres contaram sobre o medo da rejeição que possuem sobre esses espaços, uma vez que as batalhas são predominantemente masculinas e possuem conteúdos machistas. As autoras, através dos relatos coletados, apresentam que, pela falta de mulheres nos encontros, não houve rima por parte delas.

O artigo “Mulheres no Hip-Hop: a Batalha Feminina de Rimas `Na Caneta ou no Batom`” de Siqueira (2021), analisa entrevistas realizadas em 2019, com três mulheres do movimento Hip-Hop de São José dos Campos/SP – Brasil. As participantes contam que seus trabalhos são julgados de forma diferente pelos homens, por sentirem que, o tempo todo, precisam mostrar a eles que são merecedoras de ocuparem o mesmo espaço, além do menor retorno monetário. Devido ao preconceito, essas mulheres criaram o

coletivo de batalhas “Na Caneta ou no Batom”, para que outras mulheres pudessem ter um espaço seguro para expressar sua arte.

Postali e Nicoletti (2023), em “*Batalha Beco das Mina: Representatividade no Circuito do Hip-Hop de Sorocaba*”, entrevistaram, em 2022, a fundadora do coletivo. A fundadora conta que, na falta de um espaço seguro e sem o esculacho das batalhas de sangue, decidiu criar o evento para que as mulheres – aqui, majoritariamente negras e LGBTQIAPN+ – pudessem batalhar sem ofensas verbais e que todas as jovens interessadas em rima pudessem se sentir acolhidas.

Assim, ao analisar os resultados dos artigos que abordam a relação das mulheres com as batalhas de rima, é possível notar a semelhança entre as falas das entrevistadas: o medo do julgamento masculino e a falta de espaço, algo que transcende o movimento Hip-Hop, uma vez que espelha o modelo social patriarcal. Siqueira lembra que:

Apesar de ser uma manifestação cultural que possui um caráter revolucionário que denuncia as opressões sofridas pelas populações periféricas, negras

e de classe baixa, os integrantes da cultura ainda reproduzem valores sociais machistas presentes na atual ordem social estabelecida, oprimindo as mulheres que pertencem à cena, inviabilizando-as e não dando as mesmas oportunidades para que elas produzam seus trabalhos. (Siqueira, 2021, p. 14)

As mulheres, ao reivindicarem seu lugar nesse espaço dominado por homens, estão se opondo ao sistema machista. Trata-se de um espaço que privilegia o uso da linguagem para discursar sobre as experiências sociais dos grupos. Como coloca Ribeiro (2017), o uso da linguagem como uma barreira de poder é utilizado por grupos sociais privilegiados para evitar o compartilhamento das experiências das minorias que precisam e querem ser ouvidas. Assim, as rodas de rimas são locais onde as mulheres e outros grupos silenciados podem reivindicar o direito de terem suas vozes ouvidas e ampliadas.

Para conseguirem essa posição, muitas mulheres se apoiam, impondo-se e organizando-se.

## **A experiência delas na Batalha do Som**

Tendo em vista a informação de que a Batalha do Som, uma batalha de rima realizada no bairro de Santa Bárbara localizado na cidade de Sorocaba – SP, Brasil, acolhe mulheres em suas edições, o trabalho buscou responder como essas mulheres participam desse evento e quais são suas visões a respeito da participação das mulheres nos eventos de Hip-Hop, de modo geral. Assim, como metodologia, utilizou da etnografia urbana, a partir de Magnani (2002). A abordagem do autor consiste na observação das dinâmicas sociais, a partir de um olhar denominado “de perto e de dentro”, que permite identificar padrões e práticas cotidianas que escapam de uma visão generalista e fragmentada.

A pesquisa de campo foi realizada em 3 edições da Batalha do Som, sendo nos dias 16, 17 e 18 de novembro, das 19h às 22h. Como técnicas para coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as participantes, anotações em diário de campo e registro de imagens no formato de fotografia e audiovisual com termo de assentimento e uso de imagem assinado por cada participante da

pesquisa. Os nomes das pessoas entrevistadas estão ocultos por motivo de sigilo. Para este trabalho, foram entrevistadas 5 pessoas, sendo Açucena (colaboradora na organização do evento), Camélia (MC), Margarida (ex. organizadora de batalha e namorada de um participante), Lírio (acompanha o movimento Hip-Hop e namorada de um participante) e organizadora.

Os encontros da Batalha do Som ocorrem no Jardim Santa Bárbara, no Parque Miguel Gregório de Oliveira. Infelizmente, o parque não está nomeado nos softwares de localização, então, caso alguém queira comparecer ao local, a pesquisa em softwares deve incluir “parque do Jardim Santa Bárbara” – ou o endereço do Supermercado que fica na frente do parque, que se localiza na Rua Doutor Américo Figueiredo, no bairro Júlio de Mesquita Filho.

A Batalha do Som teve início em outubro de 2023 e, em novembro de 2024, houve um evento para a comemoração do aniversário de um ano do encontro. Ela é realizada às segundas-feiras, a partir das 19h, mesmo com a escolha do dia sendo pouco convencional, ainda possui

público o suficiente para realizar as chaves das batalhas. Isso ocorre porque muitos dos participantes trabalham em outros dias da semana e aos finais de semana. Esse é o caso da Margarida, que conta que devido ao seu trabalho, é a única batalha que consegue frequentar, mesmo expressando desejo em poder estar presente mais frequentemente em outras batalhas de Sorocaba. Por outro lado, a localização da Batalha dificulta o acesso de muitos jovens que vivem em outros bairros periféricos da cidade de Sorocaba. Esse é o caso da Açucena, uma jovem estudante e uma das atuais organizadoras e frequentadoras que indicou que o local é mais distante e que o dia da realização torna mais difícil o acesso.

No que se refere ao formato da batalha, são batalhas de sangue, apesar de os organizadores buscarem incluir conteúdos como livros e revistas para que ocorram batalhas do conhecimento. O material fica exposto ao lado da caixa de som, em uma mesa separada, para que as pessoas possam ler, e inclusive, retirar para leitura. A maior parte dos livros possui temática de resistência, incluindo autores e artistas negros. Ao ser

questionada sobre o motivo da mesa, Margarida ressaltava que é “Para trazer conhecimento, que as pessoas consigam entender melhor as coisas. É um movimento, né? Você trazer o conhecimento também é um movimento”.

Figura 1 – Mesa com livros



Fonte: Elaboração própria

Em entrevista, um dos organizadores (Organizador A) da Batalha do Som disse que o seu idealizador é uma pessoa “genuína e incrível”, do mesmo modo que as mulheres entrevistadas teceram elogios e apresentaram o acolhimento propiciado por ele.

Sobre as diferenças entre a participação das mulheres na Batalha do Som em relação às outras batalhas

de Sorocaba, Açucena e Margarida relatam que durante um ano de frequência no evento, viram apenas duas mulheres rimando na Batalha do Som, enquanto em outras batalhas como a do Extremo Leste (não mais existente) e a Batalha das Capivaras (realizada na cidade de Votorantim), existe maior presença de mulheres<sup>4</sup>. Por outro lado, ao questionarmos sobre a participação das mulheres nas batalhas de modo geral, as pessoas entrevistadas concordam ao dizer que as mulheres estão mais presentes como público do que como *rappers freestyles*. Organizador A, diz sentir que a participação feminina no Rap (geral) é muito grande e fomentada, mas isso não ocorre nas batalhas de rima da Batalha do Som, sendo elas *"Forte na plateia, 100%. [...] Agora, em questão de participação da batalha, eu coloco hoje como um quatro de dez, muito triste eu falar isso"*. Apesar de as pesquisas mostrarem que a participação das mulheres é pouca, no que se refere ao movimento Hip-Hop de

modo geral, cada experiência será única. O Organizador A, por exemplo, iniciou o seu contato com batalha de rima em uma cidade pequena interiorana, sendo o evento predominantemente feminino.

Com relação a presença das mulheres na batalha do Som – foco deste trabalho – as três mulheres entrevistadas na edição do dia 18 de novembro de 2024 expressaram não ter desconforto ou medo de se deslocarem para o local, mesmo ocorrendo no período noturno.

Sobre a integração de mulheres na batalha, Açucena destaca que as mulheres têm maior acesso quando se relacionam com os homens envolvidos com o evento e que, no início, sentiu desconforto: *"Eu sinto que as mulheres são acolhidas quando os homens já conhecem elas. 'Ah, tem a Maria, namorada de não sei quem'; 'Ah, tem a Joana, que é namorada de não sei quem'. Então, as pessoas acolhiem quem estava próximo deles ali [...]. Para mim foi muito difícil, por causa de*

<sup>4</sup> A presença de mulheres muda de acordo com cada batalha. Entretanto, o estado da questão apresenta que a participação das mulheres, de modo geral, é bastante restrita em todo o Brasil. Uma pesquisa realizada por um(a) dos(as) autores(as) deste trabalho, durante o ano de 2023-2024, sobre outra batalha realizada na...

...mesma cidade, apresentou que a participação das mulheres é mínima. Por motivos de identificação, os dados serão incluídos no caso de este trabalho ser aprovado.



*que eu não tinha ninguém que me conhecia assim [...]. Quando começaram a me conhecer por conta do meu namorado: 'Ah, ela é só namorada de tal pessoa', e aí acabaram me taxando só como isso, sabe? Eu me senti desconfortável em relação a isso, mas acabei me acostumando".*

Essa situação ficou evidenciada quando três das quatro mulheres entrevistadas revelaram serem namoradas de algum participante ou organizador de alguma batalha.

Com relação a participação como MC's nas batalhas, fatores como vergonha, timidez e medo foram trazidos pelas entrevistadas nas edições de 16 e 18 de novembro de 2024. Açucena acredita que a falta de mulheres está relacionada, também, ao pouco acolhimento por parte dos homens: *"[...] é porque às vezes elas começam da mesma forma que eu, começa ali só para assistir e não conhece ninguém dali. Elas têm essa vontade de rimar. Só que, por não terem esse acolhimento acabam desistindo"*. Complementando a fala de Açucena, Margarida traz o medo das mulheres por estarem em um lugar onde a voz predominante é masculina.

Quando perguntadas sobre os fatores pessoais que levariam as mulheres a não participarem com mais frequência das batalhas de sangue, todas as entrevistadas mencionaram que pode estar relacionado às dificuldades que uma mulher enfrenta no seu cotidiano e que frequentar uma batalha de sangue é aumentar a violência já ocorrida no dia-a-dia, no que diz respeito ao silenciamento, esculacho, objetificação do corpo feminino, questionamento sobre a capacidade intelectual, entre outras situações comuns em uma sociedade pautada pelo machismo. Nas palavras de Camélia, *"A gente já vem assim, de uma vida mais complicada, mais sofrida. E você já escuta muita coisa durante seu dia, seu cotidiano é isso"*. Do mesmo modo, Açucena ressalta que quando a mulher vai enfrentar um homem *"eles não têm esse filtro que talvez uma mulher teria"*.

Sobre esse aspecto, as entrevistadas também entram em acordo sobre a não diferença de tratamento dos homens em relação às mulheres durante as batalhas. Para as entrevistadas, eles as enfrentam como enfrentam os seus pares. De acordo com Açucena eles já estão



acostumados com batalhas de agressão, esculacho, não tendo tato para enfrentar as mulheres que já trazem problemas de seu cotidiano. Açucena lembra que esse é um reflexo da própria sociedade.

Com relação ao conteúdo das rimas, três das entrevistadas disseram haver diferenças consideráveis entre os temas com relação aos gêneros. Segundo Margarida, a mulher prefere *“trazer uma ideologia e conhecimento, ao invés de apenas ofender”*. Do mesmo modo, Lírio ressalta que *“Enquanto a mulher quer passar a visão, os homens sempre estão nessa de atacar. Então você não vê uma construção na rima deles do jeito que você vê na rima de uma mulher. Só que o público não entende dessa forma. A gente é mulher, entende o que elas estão querendo passar, a visão que elas querem passar, mas o público em si e os próprios MC’s, acabam não compreendendo muito bem o que está sendo dito ali. E acredito que por mais que tenha o espaço, isso acaba deixando a mulher num lugar que não é tão legal dentro da batalha”*.

Importa esclarecer que os dados coletados apontam que homens também trazem problemas

majoritariamente sofridos por mulheres. Durante uma das batalhas do dia 16 de novembro de 2024, um dos MC’s citou o caso Marielle Franco em sua rima: *“O tiro nunca nos salvou, o tiro matou Marielle”*. Todavia, cabe ressaltar que essa foi a única referência sobre mulher na batalha. Ao ser questionado sobre a presença da mulher nas rimas masculinas, o Organizador A disse que a mulher quase sempre aparece com respeito, se referindo a figura da mãe como *“rainha”*. Cabe ressaltar que essa situação já foi constatada em outra pesquisa realizada por uma das autoras deste trabalho (Postali; Tenório, 2025). Nesse dia, Camélia participou como membro do júri da batalha e um dos apresentadores estava vestindo uma camiseta com a imagem de uma mulher negra com turbante.

Na Batalha do dia 17 de novembro de 2024 houve a participação de uma mulher representante da Batalha das Capivaras. Nessa batalha, não houve constatação de ofensas referentes à figura da mulher.

Para além da participação das mulheres como organizadoras, MC’s e plateia, importa compreender a batalha

como um espaço para conhecimento e reconhecimento de pertencimento a um determinado grupo social, no caso, os grupos urbanos marginalizados, independentemente de gênero. Segundo Açucena, as batalhas, de modo geral, a ajudaram a compreender suas experiências e a se descobrir como mulher negra: *[...] eu sempre fui uma pessoa que foi muito cercada por pessoas brancas, pessoas ricas. Falavam que eu era branca demais, aí tem gente que falava que eu era preta, aí tinha gente que falava que eu era parda. Essas pessoas queriam me rotular. E eu acho muito bom ficar ouvindo durante as batalhas também, ou conversando por fora com os MC's, assim eles contando um pouco da história deles, de onde eles vieram, as coisas que eles passaram. Faz eu me entender melhor ver eles se entendendo. Faz eu aprender a me entender melhor como pessoa*".

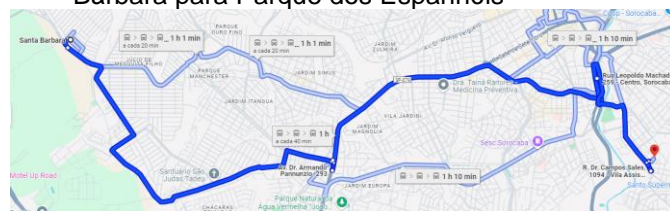
De modo geral, as participantes compreendem as batalhas de rima como um local para expressão e "desabafo". Segundo Camélia e Margarida, trata-se de um momento em que a pessoa pode discursar sobre as situações que afetam diretamente as pessoas periféricas, mas também é um

momento de agradecer e expressar outros assuntos. Sobre esse aspecto, Lírio reforça a frase que é comum em todos os elementos do Hip-Hop. A batalha, para ela, é "um movimento que salva vidas".

*"Quem está aqui dentro é quem vivencia a periferia do jeito que ela é. Muitos MC's que estão dentro da batalha veem isso como algo que vai ser profissional, que vai crescer, que vai para outro lugar e ter oportunidade. Então eu acho que batalha é um bote salva vidas para muitas pessoas"*.

Por outro lado, há bastante dificuldade em manter um evento ativo ou até mesmo seus participantes frequentes. Isso ocorre porque as batalhas são organizadas pela própria comunidade em locais, na maioria dos casos, periféricos e sem incentivo de instituições públicas ou privadas. Segundo Camélia, *"A gente acaba perdendo a motivação por ser um movimento um pouco difícil de se trabalhar nele, de estar nele de diversas formas; falta patrocínio, falta ajuda de diversas formas. E aí a gente acaba se dispersando. A gente precisa de comida, precisa de um teto, precisa trabalhar. Então a gente acaba dispersando para outros caminhos"*.

Figura 2: Trajeto via ônibus Jardim Santa Bárbara para Parque dos Espanhóis



O trajeto de bairros como Parque São Bento, Habiteto, Santa Bárbara e Paineiras – para citar alguns que têm forte relação com o movimento Hip-Hop – é longo e custoso. O percurso médio desses bairros para o Parque dos Espanhóis é de 1h por transporte público (ônibus). A locomoção por carro leva 40 minutos e, um Uber custa, em média, 20 reais. Talvez por esses motivos o evento se mostrou esvaziado nos dois dias de atividades no parque.

As batalhas de rima são espaços de comunicação e troca de experiência de jovens periféricos que fazem parte do grupo urbano culturalmente marginalizado, pois trazem em suas artes informações e opiniões sobre a vida na urbe. Os (as) organizadores (as) são agentes folkcomunicacionais, pois possibilitam que o encontro aconteça, mesmo com todos os empecilhos encontrados. As

comunicações são produzidas por meio de linguagem popular e em formato e canais em que a audiência se reconhece, o que facilita a compreensão e identificação com o conteúdo, como a participante Açucena, uma jovem de 19 anos, colocou.

No que se refere às experiências das mulheres na Batalha do Som, foi possível observar situações comuns e que refletem dificuldades não restritas ao movimento Hip-Hop: da falta de incentivo à arte urbana e periférica, de modo geral, às dificuldades encontradas pelas mulheres em participar de um movimento que apesar de oferecer espaço para que pessoas periféricas possam se expressar, o evento apresenta uma estrutura que reproduz a dificuldade para as mulheres acessarem determinados espaços.

Dentre os achados, o trabalho se diferencia de outros encontrados no estado da questão ao levantar que para além da dificuldade de se sentirem acolhidas nas batalhas de rima, as mulheres apresentam temas de relevância social e que refletem suas experiências na cidade, temas que não são aceitos pelos homens que

preferem mudar o assunto e partir, muitas vezes, para o esculacho, como apresentou uma das entrevistadas. Essa situação reflete o silenciamento das mulheres sobre as questões que atravessam o seu cotidiano, fazendo da batalha um espelho de suas experiências na cidade.

Ainda que haja a intenção e o desejo dos organizadores de que mais mulheres batalhem, essas situações impedem que mulheres se sintam à vontade para participar de forma ativa e resistiva dos encontros. Talvez esse seja o motivo de se encontrar mais mulheres em evento de *slam*, formato em que as pessoas levam suas poesias prontas e não se enfrentam com a possibilidade do esculacho. Importa ressaltar que estamos pesquisando um *slam* organizado na mesma cidade para detectar as diferenças com relação a batalha de rima.

Entendemos que a Batalha do Som, diferente de outras, tem se esforçado para alinhar-se mais à batalha do conhecimento, ao incluir livros, artes e estímulo ao debate acerca de questões sociais. Por outro lado, a batalha do conhecimento só é possível mediante regras que determinem que algum assunto deve

ser abordado de forma irrefutável, seguindo o ideal de MC Marechal e do 5º elemento do Hip-Hop. Nesse contexto, acreditamos que a inserção de questões que envolvem a experiência das mulheres na sociedade pode contribuir para promover o conhecimento sobre elas e assim tornar o evento mais acolhedor às diversas mulheres e seus contextos.

## Referências

ALVES, Rôssi. *Rio de rimas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da violência 2024*. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em:

<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>. Acesso em: 25 set. 2024.

CURA, Tayanne Fernandes. *Manas de batalha: feminismo (s) em rodas de ritmo e poesia*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/disserta\\_tcura\\_2019.pdf](https://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/disserta_tcura_2019.pdf). Acesso em: 26 abr. 2024.

GOMES, Amanda Ferreira. Batalhas de MC's de Hip-Hop na cidade de São Paulo: uma compreensão antropológica. *Revista Extraprensa*, São Paulo, v. 12, p. 838-860, 2019. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153950>. Acesso em: 26 abr. 2024.

KILOMBA, Grada. *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Luísa. Soul do hiphop: a chegada do Rap no Brasil. *Revista convergência crítica*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 42-66, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/convergenciastica/article/view/47137>. Acesso em: 26 abr. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *RBCS*, v.17, n.49, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2024.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos; FONSECA, Ricardo Lopes. Os Territórios das Mulheres Negras no Rap por Meio das Batalhas de Rima. *Caderno de Geografia*, Minas Gerais, v. 30, n. 61, p. 308-322, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/22347>. Acesso em: 26 abr. 2024.

MEDEIROS, Pâmela; SILVA, Heitor da Luz. Elas na Batalha: Um Levantamento Sobre o Gênero Musical Rap e a Presença de Mulheres Neste Movimento. In: INTERCOM, 23, 2018, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: Fumec, 2018. Disponível em: [https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/lista\\_area\\_IJ06.htm](https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/lista_area_IJ06.htm). Acesso em: 26 abr. 2024.

OLIVEIRA, Dennis. *Racismo estrutural*. São Paulo: Dandara, 2021.



PERLMANN, Jonice. *O mito da marginalidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

POSTALI, Thífani. *Blues e Hip-Hop: uma perspectiva Folkcomunicação*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

POSTALI, Thífani. Geografia e comunicação: o Hip-Hop como ferramenta de contra-ordem das forças verticais da cidade. *Élisée*, v.13, n.1, 2024. Disponível em: [//www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/15701](http://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/15701). Acesso em: 7 abr. 2025.

POSTALI, Thífani; NICOLETTI, Ana Paula Sallum. Batalha Beco das Mina: Representatividade no Circuito do Hip-Hop de Sorocaba. *Razão e Palavra*, v.27, n.116, 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/376651957\\_Batalha\\_Beco\\_das\\_Mina\\_Representatividade\\_no\\_Circuito\\_do\\_Hip\\_Hop\\_de\\_Sorocaba](https://www.researchgate.net/publication/376651957_Batalha_Beco_das_Mina_Representatividade_no_Circuito_do_Hip_Hop_de_Sorocaba). Acesso em: 25 set. 2024.

POSTALI, Thífani; TENÓRIO, Rebeca. Batalha da Rua 015: um estudo sobre a Comunicação Urbana e representatividade feminina. *Revista Hum@nae*, v. 19. n 1, 2025. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/991>. Acesso em: 17 abr. 2025.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SIQUEIRA, Isabela. Mulheres no Hip-Hop: a Batalha Feminina de Rimas "Na Caneta ou no Batom". In: *Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 17., 2021, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: UFBA – Universidade Federal da Bahia, 2021. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/131831.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2024.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.